Ano XIV — Lisboa, Fevereiro de 1958 — N.º 154

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

II

Toda a história da Idade Média testemunha o ódio irracional ao Judeu. Por toda a parte, desde a Península Ibérica até aos confins da Europa, esse povo miserável e fugitivo passa e repassa no palco do Mundo sofrendo enxovalhos, perseguições, prisões e tormentos, como se a sua missão sobre a Terra fosse apenas sofrer. Na Europa central e na oriental atiram-no para os *ghettos* imundos, onde toda uma população prolífica se acumula e onde cultiva os sentimentos crescentes de ódio contra aqueles cuja brutalidade faz esquecer a dos Romanos que os expulsaram da sua Terra Prometida.

Na Europa do ocidente, também os judeus vivem àparte da população indígena, nas suas «judiarias», obrigados a recolher com o «sino de correr» e a usar a estrela amarela, símbolo infamante da sua raça. Nobres e plebeus, irmanados no mesmo ódio ao Judeu, fruto da crassa ignorância dessa época bárbara que certos espíritos optimistas querem hoje fazer crer fosse de luz intensa, perseguem-nos sem dó nem piedade.

E no entanto, foi o Judeu quem salvou a herança da civilização greco-latina traduzindo e divulgando as obras de tantos dos mais belos espíritos da Antiguidade, enquanto nos conventos, a ignorância devota dos monges apagava os caracteres de tantas dessas obras para sobre os pergaminhos redigirem obras de piedade ingénua ...

Um judeu, Samuel Ibne Nagrela, em pleno século XI, é ministro do rei de Granada, centro de onde irradiou uma das mais belas civilizações de que o Mundo se orgulha. Neste mesmo século vive o poeta Salomão Ibne Gabirol ou Avicebron, autor da *Coroa Real*. Granada é o refúgio de todo o judeu intelectual que fugia do resto da Europa bárbara onde o massacre estava na ordem do dia: são os massacres dos Cruzados, com requintes de malvadez em nome duma fé fundada sobre o Amor; são os massacres de Londres e de Iorque, os da Guiena e os da Espanha cristã. São as expulsões em massa de Filipe Augusto e as de Eduardo I de Inglaterra, as de Filipe *o Belo* e as de Carlos VI de França. Por toda a parte o ódio ao judeu sobe alto como chama devastadora, imagem monstruosa que, no fim da Meia Idade, vai converter-se em trágica realidade.

Benjamim de Tudela percorre grande parte do mundo conhecido do tempo e outra parte completamente desconhecida dos Europeus, e contribui para o alargamento do conhecimento da Terra, tornando-se desta forma um dos precursores da geografia moderna. Mas enquanto ele viaja, numa ânsia de desvendar o desconhecido e de aumentar o magro pecúlio geográfico do Europeu, por toda a parte os seus irmãos de raça são presos, maltratados, postos a tormentos, iniquamente julgados, mortos ou expulsos, num desejo inconcebível de extirpar o Judeu da face da Terra.

A «Peste Negra», talvez resultante da falta de higiene dos homens desse tempo (perdida a tradição romana dos balneários e das abluções diárias) e que dizimou quase dois terços da população da Europa no século XIV, é-lhe atribuída: Deus mandara o mal à Terra para castigar os Cristãos por terem acolhido os Judeus, os matadores de Cristo! Ou então: os Judeus, na sua maldade, haviam disseminado a peste envene-

(Continua na 2.ª página)

A III Reunião Geral dos Escoteiros-Chefes Evangélicos

realiza-se de 25 a 30 de Março próximo

Esta conferência de dirigentes escoteiros e pastores evangélicos, que se efectua de dois em dois anos, será realizada no próximo mês. A sessão pública de abertura será efectuada às 21.30 horas de terça feira, dia 25, no salão social da Igreja da Rua Febo Moniz, n.º 17, e será orador o Rev. Hélcio Lessa, que falará sobre educação.

Haverá cinco sessões de trabalho, que serão às 21 horas dos dias 27, 28 e 29, bem como às 15.30 do dia 29 (sábado), e a última às 15.30 horas do dia 30 (Domingo). Todas as sessões de trabalho serão realizadas na sede do Grupo n.º 53, na Rua das Janelas Verdes (ex-Convento dos Marianos), à excepção da sessão de Domingo, que será na rua Febo Moniz, 17, sede do Grupo n.º 8.

As sessões de trabalho terão os seguintes temas: «A Criança e o Lobitismo», «O Rapaz—Grande objectivo do Escotismo», «O Escotismo e a Igreja», «O Caminheiro e a Vida» e «O Guidismo — Uma oportunidade para a Juventude Feminina».

As teses e outros trabalhos a apresentar serão:

«Jesus Cristo e as Crianças», pela Sr. D. Aurélia de Jesus Vale.

«A Disciplina na Alcateia», pelo Caminheiro José Eduardo Pena Ribeiro.

«As relações da Alcateia com a Família», pela Aquelá D. Maria Helena Balão.

«O Sistema de Patrulhas—A Educação pela Responsabilidade», pelo Escoteiro-Chefe Armando Lino.

«O que o Escotismo pretende fazer pelo Rapaz», pelo Escoteiro-Chefe Samuel Vieira.

«Como interessar a Igreja no Escotismo. Como interessar o Escotismo na Igreja», considerações pelo Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos.

«Deverá ser anunciado o Evangelho ao Rapaz-Escoteiro?», pelo antigo Escoteiro-Chefe Eduardo Ribeiro.

«Caminheirismo — Fraternidade do Ar Livre», relatório do Caminheiro José de Jesus Ferreira, membro da delegação portuguesa ao Jamboree do Jubileu.

«O Ideal na vida do Caminheiro», pelo Escoteiro-Chefe Capitolino Ferreira Macedo.

«O Caminheiro e a vida da Igreja», pelo Escoteiro-Chefe Idílio Gonçalves.

«O Guidismo — Suas actividades», pela Guia-Chefe D. Júlia Ribeiro.

«O Guidismo e a Família», pela Guia-Chefe Ajudante D. Maria Hermínia Pinto.

A Reunião-Geral terminará com um jantar de confraternização, que se realizará na sede do Grupo n.º 8. Nessa mesma noite, os membros da conferência tomarão parte num serviço religioso de acção de graças

(Conclui na 3.ª página)

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

(*Continuação da página 1*)

nando as fontes para destruirem os Cristãos. E durante dois anos, de 1348 a 1350, a Alemanha foi teatro das perseguições mais bárbaras e dos mais horrendos morticínios de que até então havia memória. Era assim que se exercia a tolerância dos Católicos nessa época em que os os Judeus procuravam ilustrar os povos que os acolhiam.

No século imediato, os nossos reis, clarividentemente, protegem os judeus portugueses, a despeito da má vontade da população que os odiava. Judeus haviam sido muitos dos que tinham contribuído para o impulso dado à cartografia e à arte da navegação no tempo do infante D. Henrique e de D. João II, e sabe-se como o famoso Jácome de Maiorca (Judá ben Cresques) foi preciosíssimo auxiliar do infante, e na corte do «Príncipe Perfeito», apesar de este ter perseguido o ilustre Isaque Abravanel, pululavam os judeus: Mestre Rodrigo, Mestre João, seus «físicos» (médicos), o célebre Abraão Zacuto, autor do *Regimento do Astrolábio* que tão funda influência veio a ter no prosseguimento dos descobrimentos, Mestre José Vizinho e tantos outros de menor nomeada.

Entretanto foram judeus os introdutores da nova arte da Imprensa em Portugal, ainda antes de ela se espalhar pela Europa, tendo sido o *Pentateuco* o primeiro livro impresso no nosso país (1487).

Tudo isto demonstra as capacidades intelectuais deste povo que a estupidez nativa acusava de roubar crianças para as matar em «sacrifícios rituais». E não obstante dever aos judeus da sua corte muitos dos êxitos que alcançou para a busca do caminho das Índias (foi um sapateiro judeu, por exemplo, quem trouxe do Cairo a carta que Pero da Covilhã escreveu ao rei a narrar as suas andanças pelo Oriente misterioso e deslumbrador), D. João II manda arrancar os filhos às mães hebraicas para os desterrar para São Tomé, a fim de ali serem educados na religião cristã, o que arrancou ao ilustre Damião de Góis páginas sentidas numa das suas crónicas.

E logo no início do século XVI o morticínio dos «marranos» em Lisboa aparece como o prólogo do que haviam de testemunhar os dois séculos imediatos.

Em Espanha o torvo Torquemada (místico alucinado e cruel) elevou o horrendo *quemadero* a altar do sacrifício, e muitos milhares de judeus pagaram ali o crime de o serem e de se obstinarem em seguir uma religião que seus pais lhes tinham legado. D. João III não descansou enquanto não assistiu, do alto da sua tribuna erguida em frente ao vasto estuário do Tejo, à queima dos primeiros judeus sacrificados ao misticismo mais retrógrado, que se vai inocular então na alma deste povo cuja «brandura de costumes» se tem cantado em todos os tons... A partir de então o Santo Ofício da Inquisição não pára na sua faina horrível, e as águas do rio testemunharam, durante dois séculos, os horrores que acabaram por insensibilizar a população de Lisboa, que acorria a ver queimar judeus com a mesma alegria com que nos redondéis do país vizinho se assiste ainda hoje ao extirpamento de cavalos e de toureiros.

Por toda a Europa o Judeu é acossado, preso e expulso ou simplesmente assassinado. Na Rússia começara o ciclo das perseguições em massa, prólogo dos *pogroms*, que vão durar até aos princípios do nosso século. A Áustria expulsa-os, assim como a Boémia e a Morávia. Na Prússia regulamentam-se os Judeus, que a população odeia, e a Justiça condena o judeu Suess a morrer encerrado numa gaiola exposta ao tempo no alto de elevado poste!

Entretanto Lessing, cujas ideias generosas aspiram à fraternidade entre os homens, escreve o seu drama *Natã o Sábio*, que é o retrato do seu amigo Mendelsohnn, pai do futuro grande músico.

O imperador José II publica o Edito da Tolerância pelo qual os Judeus podiam viver livremente no império austríaco sem serem perseguidos nem vexados, e o marquês de Pombal abolia quase na mesma época a distinção entre cristãos velhos e cristãos novos, este ferrete que acompanhara pelos tempos fora os descendentes dos conversos.

A Revolução francesa, para que tantos judeus deram o seu contributo, abre uma nova era na história deste povo perseguido, e o século XIX vê definitivamente decretada nos Estados mais progressivos a emancipação dos Judeus. Um judeu ilustre, embora bastante céptico para crer na religião dos antepassados, Benjamin Disraeli, chega a Primeiro Ministro da rainha Vitória, funda o Império Britânico e é agraciado com o título de Visconde de Beaconsfield, por que hoje é universal-

(*Conclui na 3.ª página*)

JUVENTUDE

O Prof. Francisco Floriano de Paula, dirigente escoteiro do Brasil, com os seus votos de Boas Festas fez distribuir a seguinte mensagem do famoso general americano Douglas Mac Arthur:

A juventude não é um período da vida, a juventude é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória do valor sobre a timidez, do gosto pela aventura sobre o amor ao conforto.

Ninguém se torna velho por ter vivido um certo número de anos; torna-se velho porque desertou dos ideais. Os anos enrugam a pele, mas a renúncia a um ideal enruga a alma.

As preocupações, as dúvidas, os temores e as desesperanças são os inimigos que, lentamente, nos fazem vergar para o chão e nos convertem em pó antes da morte.

Jovem é aquele que se deslumbra e se maravilha... O que pergunta como o menino: — E depois? — Jovem é o que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida. As provas o galvanizam, os fracassos o tornam mais forte, as vitórias o fazem melhor.

Serás tão jovem como a tua fé, tão velho como as tuas dúvidas; tão jovem como a confiança que tenhas em ti, tão velho como as tuas desesperanças, e mais velho ainda quanto o teu abatimento.

Permanecerás jovem tanto quanto permaneceres verdadeiramente generoso, tanto quanto sentires o entusiasmo de dar alguma coisa de ti: pensamentos, palavras, amor; tanto quanto o facto de dar te der a impressão de receber, e, por conseguinte, de sempre estar devendo e desejando dar mais.

Permanecerás jovem enquanto fores receptivo a tudo quanto é belo, bom e grandioso, podendo disfrutar as mensagens da natureza, do homem e do infinito.

Se algum dia, qualquer que seja a tua idade, o teu coração for mordido pelo pessimismo, torturado pelo egoísmo, roído pelo cinismo, que Deus tenha piedade da tua alma de velho.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

DE LUTO — Pelo falecimento, em 5 do corrente, de seu irmão o antigo escoteiro sr. Joaquim Clímaco do Nascimento, encontram-se de luto os nossos estimados amigos e dedicados elementos escoteiros Ernesto e João Clímaco do Nascimento, a quem manifestamos a nossa simpatia e sentidos pêsames.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Novos Corpos Gerentes

No dia 10 de Janeiro, reuniu o Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, para apreciação do Relatório e Contas da Direcção e eleição dos novos Corpos Gerentes.

A assembleia tomou conhecimento de que o Presidente da Direcção, sr dr. Tovar de Lemos, se encontrava doente e que o seu estado inspirava cuidados, tendo expressado um voto de saudação ao ilustre Presidente e manifestado o desejo de um pronto restabelecimento para que a Fraternal possa continuar a contar com a sua preciosa orientação.

Presidiu, na ausência, também por doença do sr. comandante Álvaro de Melo Machado, o membro do Conselho Fiscal sr. António Xavier de Brito, secretariado pelos srs. comandante Dentinho e Magalhães Ferraz.

O secretário da direcção, sr. António de Mira Calhau, leu o relatório e contas da gerência cessante, pelo qual se verificou que a direcção organizou devidamente os serviços de secretaria da Fraternal e encerrou as contas com um saldo que permite fazer face aos encargos associativos. Também se tomou conhecimento das diversas actividades da Fraternal, especialmente de que a direcção tinha feito entrega ao Sr. General Craveiro Lopes, ao Sr. Professor Marcelo Caetano e ao Sr. Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, do emblema de antigos escoteiros, e que projectava prestar idêntica homenagem a outros ilustres antigos escoteiros.

Embora alguns dos presentes, particularmente o sr. Quintino Pinheiro, tivessem manifestado o seu desapontamento pela diminuta acção da Fraternal, o relatório e as contas foram, finalmente, aprovadas por unanimidade, por se reconhecer que a Direcção fez aquilo que estava ao alcance das suas possibilidades.

Procedeu-se depois à eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1958/1959, tendo sido aprovada por grande maioria a seguinte lista:

Presidência

Presidente — Comandante Álvaro de Melo Machado
1.º Vice-Presidente — Rev. Eduardo Moreira
2.º » » — Dr. Francisco Cortês Pinto
1.º Secretário — António Xavier de Brito
2.º » — Comandante Luciano Sena Dentinho

Direcção

Presidente — Dr. Alfredo Tovar de Lemos
Vice-Presidente — Eduardo Quintino Pinheiro
1.º Secretário — José Dionísio dos Santos
2.º « — Almerindo Gonçalves Fernandes
Tesoureiro — Ernesto Clímaco do Nascimento
1.º Vogal — Manuel Alvim Leal
2.º « — Luís António dos Santos

Conselho Fiscal

Presidente — Prof. Aníbal Ramos
Secretário — Eduardo Ribeiro
Relator — Dr. Eugénio Henrique Ramos

O Acto de Posse

Na noite de 21 de Janeiro passado, na sede da Fraternal, na Rua de S. Paulo, realizou-se o acto de posse dos novos Corpos Gerentes, que se encontravam presentes na sua quase totalidade, faltando apenas os srs. Comandante Melo Machado e dr. Tovar de Lemos, que se encontravam doentes, e dr. Eugénio Ramos, impossibilitado de comparecer por motivo de força maior.

O acto foi presidido pelo Rev. Eduardo Moreira, que felicitou os novos dirigentes dos Antigos Escoteiros, tendo também usado da palavra o sr. dr. Francisco Cortês Pinto. Foi muito sentida a ausência dos presidentes da Presidência e da Direcção, particularmente do sr. dr. Tovar de Lemos, cujo estado de saúde inspira cuidados.

O sr. Quintino Pinheiro, vice-presidente da Direcção, apresentou um esboço de um plano de trabalhos da nova direcção, que se encontra animada de um forte desejo de imprimir uma nova vida aos trabalhos da Fraternal, e se referiu aos projectos de realizar um grande encontro dos Antigos Escoteiros em 23 de Abril próximo, à constituição de diversas secções que possam interessar os membros da Fraternal, como secção de campismo, cultural e outras que possam ser sugeridas, bem como de serviços médico-sociais e outros.

Estavam também presentes representantes da última Direcção. Todos os participantes neste acto, ficaram convencidos de que a Fraternal vai, de facto, encetar um período de actividades de interesse, que poderão agregar e reunir muitos Antigos Escoteiros. Assim todos esperamos e isso constitui, sem dúvida, uma grande responsabilidade para os elementos que meteram ombros à tarefa.

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

(Conclusão da 2.ª página)

mente conhecido, é outro judeu, cujo nome dizia o nosso Eça que tinha a ressonância do próprio oiro, o Barão de Rotschild, pela sua prodigiosa fortuna, fez curvar todas as cabeças diante de si, desde as coroadas até às dos políticos e dos financeiros.

Por toda a parte se criam associações tendentes e agrupar os judeus dispersos para trabalharem para o regresso à pátria perdida. Já em 1878 se funda na Palestina a primeira colónia hebraica da antiga Terra da Promissão. Surgia o «Sionismo» que acabaria, no nosso século, por fundar o Estado Israeliano.

Mas o fim do século XIX vê, paradoxalmente, ressurgir o velho ódio ao Judeu sob o nome de Anti-Semitismo. A Alemanha, teatro durante toda a Idade Média e em grande parte da Idade Moderna, de algumas das mais violentas perseguições contra os Judeus, vai dar novamente o sinal de alarme, e o Anti-Semitismo toma ali a feição de campanha nacional, que a I Grande Guerra intensificará e o III Reich levará às últimas consequências.

O mal comunicou-se à França, e alguns dos homens mais impulsivos lançaram-se numa violenta campanha contra os Judeus, desde que o desvairado Eduardo Drummond publicou *La France Juive*, que entre nós teria, há uns 30 anos, o seu cómico símile com *A Invasão dos Judeus* de pitoresca memória. O jornal *La Libre Parole* de Drummond investe furiosamente contra os Judeus, preparando assim o estado de espírito de que surgiria a tristemente célebre «Questão Dreyfus».

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

A III REUNIÃO GERAL

(Conclusão da 1.ª página)

que se realizará na Igreja da Rua Febo Moniz.

São convidados a inscrever-se na Conferência todos os escoteiros-chefes e caminheiros evangélicos, pastores evangélicos, e serão convidados a enviar representantes a Associação dos Escoteiros de Portugal, a Associação das Guias de Portugal, a União da Juventude Presbiteriana e a Juventude Evangélica Portuguesa. Terão voto deliberativo os Dirigentes Escoteiros, os Pastores das Igrejas que tenham grupos de escoteiros e os representantes dos Escoteiros de Portugal e das Guias de Portugal.

A inscrição para a Conferência, incluindo, o jantar, custa esc.— 30$00 e será encerrada no dia 10 de Março p.º f.º.

ESCOTEIROS BRASILEIROS EM PORTUGAL

Os *derradeiros* elementos do contingente brasileiro ao JIM acabam de passar por Lisboa, no paquete Alcântara, a caminho da sua terra. Foi esperá-los no cais o chefe Rodrigues da Silva, tendo almoçado com os Adjuntos do Escoteiro-Chefe-Geral. Os rapazes chamavam-se Ricardo Ohtacke e José S. Hanashiro, residindo na cidade de São Paulo. Vieram a Lisboa com o contingente quando este regressou de Inglaterra, demoraram-se aqui uns dias, viram uma parte de Portugal, seguiram para Espanha, onde foram aboletados por irmãos escoteiros, andaram por outras terras e passaram mais quatro meses em Inglaterra, de onde regressavam agora.

Também em Janeiro passado, passou por Lisboa, acompanhado de sua Esposa, o General Léo Borges Fortes, depois de uma demorada permanência em Inglaterra e visitas a outros países da Europa.

O General Fortes, que desejava passar um tempo em Portugal, não o pôde agora fazer, mas escreveu-nos prometendo uma nova visita ao nosso país.

Não voltámos a ter notícias daqueles três escoteiros brasileiros que fizeram a viagem para o Jambori de *jeep* através do continente africano, Médio Oriente e Europa, e que tencionavam passar em Portugal na viagem de regresso. Possìvelmente modificaram o plano de viagem e seguiram outro percurso.

Livros indispensáveis a todos os Dirigentes e Guias de Patrulha

De Baden-Powell:
ESCOTISMO PARA RAPAZES .. 20$00
De Roland Philipps:
O SISTEMA DE PATRULHAS... 5$00
Provas de 3.ª classe:
PARA SER ESCOTEIRO ..... 3$50
Provas de 2.ª classe:
SEMPRE PRONTO ..... 5$00

À VENDA
SERVIÇO DE MATERIAL E UNIFORMES DA A. E. P.
e na Redacção do «Sempre Pronto»
(Pelo correio acresce o porte)

Escoteiro ou Escuteiro?

O Sr. Eng.º Nobre Santos, ex-Escoteiro-Chefe-Geral e ilustre dirigente escoteiro, depõe no inquérito do «Sempre Pronto»

Quando vi o inquérito sobre a maneira de escrever a palavra ESCOTEIRO com **o** ou com **u**—logo fiz tenção de dar a minha opinião em defesa da ortografia com **o**, pois não vejo forte razão para se escrever doutro modo e muito menos compreendo a lógica da decisão, sábia decerto, que manda escrever de maneiras diferentes em Portugal e no Brasil.

Embora não me dedique às letras, antes sim às ciências e sobretudo às técnicas, tenho por elas a consideração que me devem merecer, para que haja a devida compreensão daquilo que se pretende transmitir aos outros; a linguística, como qualquer ciência, tem de ser convenientemente usada e manipulada por aqueles que dela se servem para que não haja pensamentos de sentidos dúbios, falsos ou de transmissão escrita e falada menos precisos e correctos.

Essa circunstância de não ser da Arte me fará poder esperar uma apreciação mais benévola dos que me lerem, tanto mais que não pôde, como era minha intenção, proceder a um estudo minucioso de consulta de dicionários e livros (principalmente dos portugueses) que me mostrassem bem a evolução dos significados das palavras ESCOTEIRO, ESCUTA e outras semelhantes ou derivadas, desde épocas anteriores a 1908 (criação do sistema educativo e das instituições escoteiras) até aos nossos dias.

Essa minha intenção esbarrou:

— primeiro com várias ocupações profissionais que me não deixaram o muito tempo livre que necessitaria para fazer pesquisas nas bibliotecas;
— depois, com a ida a Inglaterra por ocasião da realização do J. I. M.;
— finalmente, por causa de uma missão oficial, profissional, na Bélgica e Holanda.

Fica, contudo, a ideia lançada e talvez outros possam realizar essa investigação, através dos tempos, mais profundamente.

Contudo, ante a leitura do número do «Sempre Pronto» em que se afirma precisarem «definitivamente de escolher entre as duas grafias... e estarem dispostos a mudar», fiquei um pouco preso à minha consciência de vir apresentar a minha opinião, mesmo aqui de Liège, apesar de não ter bases tão seguras como desejaria.

Vi as opiniões que vieram insertas nos últimos números do «S. P.» e direi que todas elas apresentam uma faceta do problema, mas ainda há outras que faltam ser examinadas.

Quanto à origem segura da palavra adoptada para designar entre nós o rapaz que começou a praticar o movimento educativo imaginado por B.-P., só os iniciadores desse movimento e fundadores da A. E. P. poderiam esclarecer convenientemente o assunto; embora muitos já estejam no Eterno Acampamento, tivemos o privilégio de registar o aparecimento do depoimento valioso do Sr. Comandante Alvaro de Melo Machado, que esclarece já alguns pontos de vista. Contudo, devido ao desconhecimento, até aqui, da correcta origem da palavra e das primitivas intenções dos fundadores do movimento em Portugal, têm resultado suposições mais ou menos razoáveis, mas todas elas cheias do seu próprio poder criador.

Há quem vá buscar a origem a tempos muito remotos e fundamentar a formação ou a adaptação da palavra escoteiro em palavras já existentes na nossa língua desde essas épocas.

Em minha opinião, o aparecimento dessa palavra, com o significado que queremos analisar, deve ter tido origem mais simples, pois nestas coisas de linguagem é mais normal e corrente seguir-se a lei da simplicidade e da formação lenta; só com o passar dos tempos aparecem os eruditos a querer explicar muito criteriosamente a palavra que se formou, ou a querer dizer que ela se formou mal e deve ser de outro modo, complicando tudo que até aí tinha corrido naturalmente.

Não será isto que se passou e está passando com o assunto em causa?

Para mim há três pontos fundamentais importantes nesta questão:

(Continua na página seguinte)



A LEI GUIA

Art. 1.º—*O sentimento da honra da Guia é sagrado, a sua palavra merece toda a confiança.*

O primeiro artigo da Lei guidista é simples e concreto. Nele se baseia, de modo natural e rotundo, a afirmação de que a Guia é uma rapariga de honra. Se queremos pois compreender claramente muitas das coisas do Guidismo que, à primeira vista, parecem um tanto difíceis ou gratuitas, não devemos esquecer nunca essa premissa de honra, pilar básico do Movimento, e sem cuja firme existência no coração de cada Guia e, portanto, presidindo a cada acto individual ou colectivo, será seguro o fracasso do sistema *poweliano* para a mulher.

Não é coisa simples o definir a honra entre as mulheres. Os multíplices exemplos que a antiga Cavalaria — como fonte principal — nos oferece, e que tão bem se enquadram na educação Escoteira, não servem para nós. Porque a honra de uma mulher — que nada tem que ver com isso tão manchado nos folhetins—tem uma localização espiritual mais concreta e íntima que a dos homens, pois muito embora esta seja também de origem imaterial, pode e deve ter a sua representação em actos visìvelmente tangíveis e, quase diríamos, naturais.

Uma pessoa de honra não comete nenhuma acção desleal, suja, desonesta, não nobre, ou contra os ditames da sua recta consciência, uma acção em fim que não possa ser mostrada à plena luz. E tais acções não se referem só a factos contra segundas pessoas, senão também aos realizados consigo mesma.

Artigo da Lei tão simples na aparência, é um verdadeiro «handicap» na formação de uma Guia, a menos que ela lhe conceda toda a importância moral que tem. Porque a mulher, por natureza ao mesmo tempo que por educação, concede uma importância muito secundária a isso tão vago que se chama honra.

A mulher, no uso dessa arma

(Conclui na página seguinte)

Escoteiro ou Escuteiro?

(Continuação da página anterior)

— A origem ou adaptação fez-se directamente do inglês, embora muito remotíssimamente — desde o latim ou anterior ainda — possa haver ligações entre a evolução para o inglês e para o português;
— Não houve, inicialmente, a preocupação de procurar a palavra portuguesa;
— Há que fazer uma apreciação, a que chamarei dinâmica, da pronúncia e significado das palavras, pois uma apreciação estática circunscrita a determinadas épocas não satisfaz.

Avaliem-se de perto estes pontos:

Sabemo-lo já, pela própria palavra do introdutor em Portugal do nosso Movimento, que a ideia veio directamente dos meios ingleses e adoptando inicialmente a própria designação inglesa de «Boy Scouts» (1), essa designação arreigou-se de tal maneira entre nós que, mesmo há bem poucos anos, a outra associação actualmente existente, adoptava oficialmente a designação de «Scout».

A pronúncia dessa palavra nunca foi (Scut) de derivação francesa, como alguns pretendem, mas sim (*Scáôt*), onde o *o* tem uma ligeira acentuação de *u*, mas quase imperceptível pois o que domina na pronúncia é a sílaba forte *cá* antecedida do sibilar do *s* e seguida do terminal *t* também um pouco abafado, como no terminar da maioria das palavras portuguesas.

Sobre a evolução da pronúncia, entre nós, da palavra «Scout» (*scáôt*), muito se poderia dizer, mas recordo só o que deve estar na memória de muitos de se ouvir dizer com frequência «aí vêm os *bóis scóts*». E não se diga que era gente ignorante que assim falava, pois que se assim o pronunciava é porque havia uma certa tendência para essa pronúncia e sabemos bem que em línguas é o povo que faz as regras a que a maior parte das vezes os eruditos têm de se subordinar. Neste pormenor estou em admitir que inicialmente, por deformação da pronúncia (*scáôt*), e por que se via a grafia «Scout», se foi passando à pronúncia (*escôte*) ou (*escoute*). Contudo, a pronúncia do ditongo *ou* é um pouco difícil, pelo menos na posição em que se encontra na palavra, e daí deve ter resultado, por simplificação, a pronunciar-se (*escôte*); mas mesmo assim a pronúncia não era fácil pois não havía uma sílaba acentuadamente forte, e, por isso, com a introdução do sufixo *eiro* usado no aportuguesamento da palavra, veio a palavra pronunciada como (*escôteiro*); nesta, já a sílaba forte em *ei* permitiu abrandar *ô* ou *ou* forte em *ô* fraco, ou quase imperceptível por vezes.

Seria assim a evolução da palavra tradutora, entre nós, da nóvel ideia de B.-P. como movimento da educação da juventude e exposta no «Scouting for Boys».

Isso não quer dizer que entre os eruditos não tivesse havido a ideia ou a intenção de procurar palavras portuguesas que traduzissem os novos conceitos; aqui, como em todas as coisas que vão sucedendo pelo Mundo fora, o que vai acontecendo é sempre complexo de acções de vários indivíduos, correntes de pensamentos e ideias; por isso, para melhor perceber um determinado resultado dessas interacções, é preciso estudar as várias correntes em que o assunto foi ou pode ter sido encarado. A verdade é sempre múltipla, dependendo sempre do ponto de vista em que nos colocamos.

Mas, como íamos dizendo, a adaptação duma nova ideia a uma palavra já existente, trás como consequência ter de se juntar um novo significado ou sentido à palavra, pois embora a ideia base lá possa existir, não contém, com certeza, toda a nova ideia que se lhe quere impor. Foi assim com o assunto em causa, e, não nos desgostemos, pois é assim sempre em todos os casos que a vida corrente nos vai proporcionando nesta corrida vertiginosa do progresso e da criação de coisas novas.

Essa dificuldade existe em todas as línguas e em toda a parte onde há criação e progresso. Ainda há dias falando com um médico Iraniano, que está também aqui em Liége, ele me mostrou como na sua língua o problema é difícil de resolver, pois nem sequer têm a maior parte das palavras bases ou os sinais (letras) necessários. Tal dificuldade faz-se sentir principalmente em assuntos de carácter científico e a maneira como o resolvem é adoptar pura e simplesmente a palavra estrangeira (escrita mesmo no nosso alfabeto) que intercalam no restante texto escrito nos seus próprios caracteres.

(Continua no próximo número)

(1) Artigo do sr. Comandante Melo Machado, publicada no «Sempre Pronto» de Janeiro de 1958.

GUIDISMO

A LEI GUIA

(Conclusão da página anterior)

a que chamamos coquetismo, hipocrisia social e — equivocadamente—feminidade, mente tranquilamente em qualquer ocasião, chega tarde aos seus convites, critica amigas e inimigas, inveja o vestido ou a cútis da que está a seu lado, e faz todo o possível por, sentindo-se graciosa, ferir os sentimentos mais íntimos de qualquer. O panorama que vos apresento é duro, mas é real. Examinai-vos vós mesmas sem paixão, passai revista a vossas amizades com espírito sincero, e vereis os resultados.

Contra tudo isso pretende lutar o primeiro artigo da Lei. Pretende que as nossas raparigas possuam uma honra íntegra, com todas as potências morais afins, de formalidade, vigorosa virtude — sem fingimento, atitude tão habitual nos nossos dias—integridade, etc., capazes de ir pela vida com o coração na mão, transbordando sinceridade—sinceridade, não falta de educação, que é igual a grosseria — e lealdade por todos os seus poros, usando bem dessa fortaleza que dá a consciência tranquila, cimentada numa firme honra feminina, toda ela sem tortuosidades, sem pensamentos feios e com o sorriso nos lábios.

Difícil é na mulher forjar-se uma honra como a que pede a Lei, se existem hábitos contrários de origem antiga. Mas talvez seja mais difícil ainda, para a que o não consegue, olhar com bons olhos e compreensão, aquela que, com verdadeiro espírito guidista, o pratica constantemente de modo natural, e, se nos parece tão distinta do comum das mulheres, é porque a interpretam quase sempre de forma muito distinta, resistindo a ver o real.

A uma menina não há dificuldade em imbuir-lhe o sentido da honra guidista. Às mais velhas é tudo ao contrário. Aquela que não o assimila por vontade e esforço próprio, perde o tempo situando-se à sombra do Trevo, símbolo da fraternidade mundial guidista. E, além de perder tempo, incorre numa grave falta de consciência, porque atraiçoa as companheiras que confiam nela, e, mais ainda, destrói moralmente a quantas rapariguitas intente orientar por um caminho que ela desconhece.

Tal é o que eu penso do primeiro artigo da nossa Lei Guia.

LORETO AZPEITIA L. DE AYALA
ALMA AZUL

Quando deve o Guia dirigir ?

Tese apresentada pelo Guia Fernando Sanches à II Conferência dos Guias de Patrulha dos Escoteiros Evangélicos de Lisboa

Esta é uma pergunta que por várias vezes me tenho feito e por isso a razão de escolha do tema.

Mas comecemos:

Meus amigos, que é uma patrulha?

Será só um agrupamento de 8 rapazes em que um deles é o guia, o outro o subguia e mais 4 cargos?

Não. Uma patrulha é algo mais que um conjunto de 8 rapazes. É sobretudo uma casa de família, em que o guia é o pai, o dirigente, o orientador, o responsável pelos seus pequenos. E assim o trabalho do guia, é o mais importante de desempenhar.

Nunca uma patrulha foi boa nem nunca o será se o escoteiro n.º 1 não mostrar o seu valor de orientador e chefe. Deve ser sempre ele o capitão de equipa quando em jogos, ele é o primeiro a trabalhar no acampamento para dar o exemplo: Enfim, tem mil e uma responsabilidades e mil e um cargos a exercer.

Um bom guia, não trata da sua patrulha em geral, mas sim de cada escoteiro em particular.

Ele deve saber o comportamento do rapaz em casa, na escola no trabalho e na rua. Deve saber quais as suas companhias e lugares que frequenta. Deve saber se o dinheiro é bem ou mal gasto.

Resumindo: dirigi-lo e observá-lo, moral, religiosa e intelectualmente.

Mas, voltemos ao princípio: «Quando deve o guia dirigir?

A resposta é única e simples: —«SEMPRE».

Nelson disse às suas tropas quando se preparava para uma batalha:

«Meus amigos: Se cada um de vós cumprir o seu dever, tenho a certeza que a batalha será ganha».

Assim, também o guia deve falar aos seus escoteiros:

«Meus amigos: Se cada um de vós cumprir o seu dever, de escoteiro, isto é, cumprir a lei que solenemente prometeu obedecer, se cada um de vós fordes bons filhos, bons empregados, bons estudantes e bons amigos de Deus, não terei dúvida de que a patrulha será sempre a primeira e vós bons cidadãos».

Estas palavras devem estar sempre acesas na mente do guia, para que possa dirigir sempre e bem.

Quando num conselho de patrulha o guia toma o lugar de presidência e diz ao secretário para fazer a acta; ao guarda-material para mostrar se está certa a lista do material existente; ao tesoureiro para mostrar se os balancetes estão em ordem, ele não diz isto como que um patrão para o seu empregado, e eu infelizmente já tive ensejo de ouvir esta opinião. As ordens que o guia dá, não são mais que «DIRIGIR».

Muitos de nós andamos na escola. E para quê? Nunca pensaram nisso?

Será para sabermos trabalhos com X ou com Y? Será para sabermos que qualquer palavra portuguesa provém de outra latina? Será para sabermos que foi Atwod que inventou um aparelho para provar certo número de leis da Física sobre os graves?

Sim, saber isso é de interesse, mas a principal finalidade é outra.

Mas, dirão vocês: Se não é esse o fim principal que andarão lá a fazer os professores?

DIRIGIR.

A um meu professor de matemática, ouvi dizer várias vezes:

«Eu sei que tudo isto que vos estou ensinando é para esquecer, é um facto psicológico.

A função da matemática é educar a precisão do espírito e não para na vida corrente se saber que 2 x × y são 2 x y».

Um outro professor de história disse-nos que ligava mais importância ao comportamento que ao aproveitamento.

Estas palavras significam bem o que atrás tive ensejo de afirmar: A função principal de um professor é dirigir espiritual e moralmente.

Ora levemos a comparação para o campo escotista: o guia é um professor, é aquele que por meio de jogos, canções, palestras etc., dirige e educa os seus escoteiros.

Quando deve um guia dirigir?

Imaginemos um barco na rota Lisboa-Vigo, num dia de nevoeiro ou mesmo uma noite escura. Aquele navega sem hesitações, sempre num caminho recto, sempre no bom caminho, porque alguém o dirige.

Mas suponhamos agora que, por desinteresse ou despreocupação, o piloto deixa de dirigir. O barco navega com insegurança, muda de rumo, e sem que por vezes se espere, encalha, destroi-se e há ainda perdas de vidas.

Suponhamos o guia, piloto; a patrulha, barco; os passageiros, escoteiros.

Se o guia deixar de dirigir por um escasso momento que seja, deixa de ser bom guia, põe em perigo o prestígio da patrulha, a moral dos seus escoteiros.

Vou entrar agora no último ponto da minha conferência: A diferença entre dirigir e mandar.

Há quem por vezes empregue *mandar* como sinónimo de dirigir ou vice-versa.

Ora isto é um grande erro.

Vejamos primeiro a etimologia das palavras:

DIRIGIR { Guiar / Pôr em linha recta.

MANDAR { Exigir / Exercer autoridade.

Meus amigos: Vejam bem este significado, que é muito importante: «pôr em linha recta» como «pôr no bom caminho».

Jesus Cristo guiou Paulo. Jesus Cristo pôs Paulo no bom caminho, mas Jesus Cristo não exigiu que Paulo o seguisse.

Ele era um amigo mais velho; dirigia os seus discípulos, a sua patrulha. *ELE ERA O GUIA.*

Se acaso tivesse deixado de dirigir por um só momento, os discípulos deixariam de ter confiança nele e daí o pôr em perigo o nome de Deus.

Da mesma maneira o guia se deixar de dirigir põe em perigo, além das razões anteriormente dadas, o ideal escotista.

Para terminar deixo apenas duas ideias em suspensão:

1.º Dirigir, é um dos principais focos de que o guia se deve servir para iluminar o bom caminho.

2.º O guia deve dirigir sempre, pois que de contrário põe em perigo o prestígio da patrulha, a moral dos seus escoteiros, e o ideal escotista.

FERNANDO SANCHES

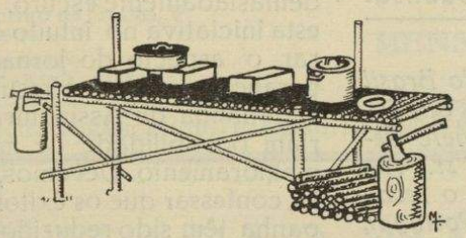
Faustino dos Santos Leitão

Passou em 5 do corrente o primeiro aniversário do falecimento deste nosso bom amigo e dedicado companheiro de trabalho nas lides do «Sempre Pronto». Todos os que cooperam nesta obra recordam com saudade Faustino Leitão, cujo conselho e palavras de ânimo tantas vezes foram auxílio precioso para o prosseguimento da publicação deste mensário.

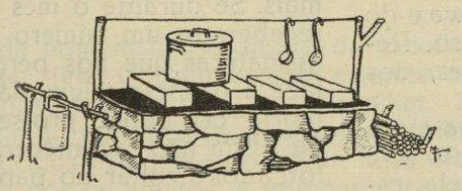
PROVAS DE 1.ª CLASSE

Fogueiras e fornalhas de campo

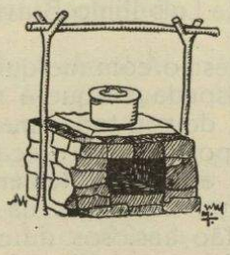
11 — Construir e pôr a funcionar fogueiras e fornalhas de campo.

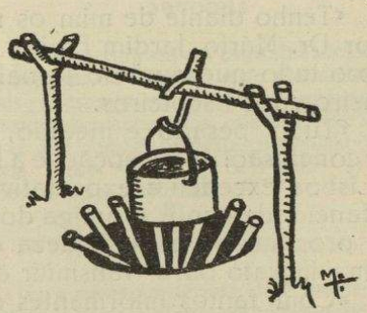


Como no teu braço já brilha a insígnia de segunda classe, não ignoras, portanto, a técnica da preparação das fogueiras de campo e muitas vezes terás tido oportunidade de revelar a tua habilidade na montagem de uma boa fornalha. Não será, no entanto, inútil se voltares a ler o que a este respeito se diz no Manual de 2.ª Classe «Sempre Pronto».



Agora, que já és um campista experiente, os teus conhecimentos terão de ser alargados. As pequenas fogueiras dos acampamentos de fim de semana constituem para ti um autêntico brinquedo. Já sabes escolher a boa lenha, arejar o fogo, acautelar os incêndios. Porém, precisas também de estar habilitado a montar fornalhas para acampamentos de maior duração. As habilidades dos campistas experientes procuram proporcionar a maior comodidade possível no acampamento, servindo-nos dos materiais de que podemos dispor no campo.





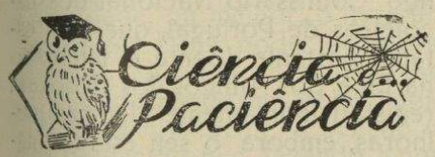
As gravuras que aqui vês constituem apenas simples ideias que te proporcionamos. A tua imaginação poderá criar outros modelos. A prática da vida ao ar livre será a tua grande escola.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS

QUINTINO, L.DA



RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



UM PROBLEMA DIFÍCIL

A patrulha Veado continua entusiasmada pela disputa entre o João e o Carlos que insistem em apresentar os seus já famosos problemas difíceis.

Desta vez, coube ao João atrapalhar o Carlos. — Tens aqui um problema para resolver — disse ele. Todos se reuniram logo para escutar e o João continuou:

— Mais de 500 escoteiros de uma cidade britânica armaram as suas tendas para um acampamento de férias. Tentaram constituir grupos de 4 patrulhas de 6 escoteiros, depois de 4 patrulhas de 5 escoteiros e, finalmente, 3 patrulhas de 6 escoteiros, mas, em cada tentativa, sobraram sempre 9 escoteiros.

«Ora, se nós sabemos que os escoteiros são menos de 1.000, és tu capaz de me dizer quantos são eles exactamente?»

O Carlos ficou bastante intrigado. Serão os nossos leitores capazes de lhe dar uma ajuda?

* * *

O primeiro leitor que nos enviar a resposta certa receberá o livro brasileiro «Para ser Escoteiro» do Prof. Floriano de Paula. Todos os outros receberão o volume «Desporto, Cinema e Educação», do Prof. Dória, a menos que nos informem no postal em que nos derem a solução que já possuem nesta obra. Ser-lhes-á, então, enviada outra.

Uma decepção em Londres . . .

«Olisipo», interessante Boletim Trimestral do Grupo «Amigos de Lisboa», teve a gentileza de transcrever no número respeitante a Janeiro passado, a local que, com o título acima, publicámos no «Sempre Pronto» de Setembro-Outubro, na qual nos referíamos à insignificância da rua de Lisboa na capital britânica, facto que sentidamente lamentámos.

A transcrição termina com as seguintes palavras que significam, certamente, uma simpática atitude de concordância: *Bem haja a sensibilidade de jovem jornalista que já é um «Amigo de Lisboa»*. Ficamos gratos pela transcrição e pela referência.

Aproveitamos também o ensejo para saudar «Olisipo» pelo 20.º aniversário da sua fundação, felicitando o seu ilustre Director Sr. Dr. Matos Sequeira, e colaboradores.

O XIII aniversário do "Sempre Pronto"

«Ecos de Belém», defensor dos interesses de Belém, teve a amabilidade de saudar o nosso jornal pelo seu aniversário, com palavras amigas, que reconhecidamente agradecemos.

«Ecos de Belém» também comemorou no princípio de Janeiro o XXVI ano de publicação contínua. Por tal motivo apresentamos as nossas felicitações aos srs. Custódio Baptista Vieira e António Vieira, respectivamente Director e Editor do conceituado semanário, saudando neles todos os colaboradores.

Campanha Centenário de Baden-Powell

Mais assinaturas do «Sempre Pronto»

Entraram mais 9 assinaturas propostas pelos nossos amigos srs. José Dionísio dos Santos (2), Armando Rosa, José Eduardo Pena Ribeiro, Asdrúbal Magalhães, Manuel Gonçalves Rodrigues Jr., Rui Negreiros, Armando Garcia Inácio e Fraternal dos Antigos Escoteiros. O número de novos assinantes registado até agora soma 137.

Todos estes proponentes irão receber a senha para o Grande Prémio da Viagem a Madrid, assim que as assinaturas tenham sido pagas pelos propostos.

Mas precisamos de mais assinaturas! Apelamos para todos aqueles que apreciam o esforço feito para que «O Sempre Pronto» se publique regularmente. Só com mais assinaturas poderemos manter bem aceso este facho. Ajude-nos!

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Pode dizer às autoridades escoteiras e mesmo às autoridades do Governo de Portugal: «Missão cumprida. Os visitantes brasileiros saíram daqui amando Portugal, admirando os portugueses e cordialmente gratos» — declara o Dr. João Ribeiro dos Santos, chefe do contingente dos escoteiros do Brasil ao Jambori do Jubileu.

O Dr. Ribeiro dos Santos, um Chefe Escoteiro do Brasil que conta em Portugal muitos amigos e admiradores, e que interinamente está desempenhando o cargo de Escoteiro Chefe-Geral da nação irmã, escreveu ao Chefe-Geral Adjunto, sr. Albano da Silva, uma expressiva carta em que manifesta o reconhecimento dos Escoteiros do Brasil aos Escoteiros de Portugal, pelo acolhimento dispensado aos nossos irmãos brasileiros. Dessa carta recortamos o seguinte trecho:

(...) «Estou aqui como amigo, talvez bissexto, mas sincero. E oficialmente também, Chefe da Delegação Brasileira que fui, Chefe-Geral interino que estou sendo nestes meses de férias do Comandante José de Araújo Filho.

«Tenho diante de mim os relatórios do Dr. Riozo Hosoegawa e do Major Dr. Mário Jardim Freire, os nossos Delegados no regresso. Relembro tudo que ouvi do jornalista Luís Pinto Bravo, dos Chefes, dos Pioneiros, dos Escoteiros.

«Tudo pesado e medido, mesmo com mesquinharia, obriga-me a uma conclusão: a recepção e a hospedagem que a nossa Delegação teve em Lisboa excedeu a expectativa, deixou todos maravilhados pela espontaneidade gentil e amiga dos portugueses e acarretou uma gratidão que proclamam com riqueza de adjectivos temerosos de ser o nosso idioma ingrato para transmitir o que lhes ficou na alma.

«Com tantos informantes e tão ansiosos de contar minúcias para provar a verdade, arrisco-me a dizer que sei tudo que aconteceu em Lisboa. Minha imaginação tomou um reconfortador café logo à chegada de uma viagem faminta e tresnoitada pelas terras de Espanha, tomou lugar no autocarro, foi inaugurar os novos, espaçosos e confortáveis alojamentos do Refeitório da Junqueira, fartou-se com a saborosíssima comida portuguesa tão gémea da nossa, passeou e fez compras em Lisboa, acompanhada e guiada pelos irmãos escoteiros de Portugal, e divertiu-se feliz, dia e noite, visitando os Jerónimos ou a Feira Popular. E ao afastar-se o navio do cais, quero dizer o que ouvi de um dos meus escoteiros:

«*Agora, sim, conhecemos os Portugueses.*» (...)

JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS

Exposição Filatélica e Bibliográfica



Os Escoteiros do Grupo N.º 60 no recinto da Exposição

Campanha de Assinaturas

A Administração do «Sempre Pronto» vem proporcionando há alguns meses aos nossos estimados leitores o jornal impresso num papel de boa qualidade, substituindo o antigo que, em virtude dos fabricos terem piorado, estava sendo demasiadamente escuro. Tomámos esta iniciativa no intuito de melhorar o aspecto do jornal e na esperança de que os resultados da Campanha de Assinaturas nos dariam possibilidade de manter este melhoramento. Devemos, no entanto, confessar que os êxitos da Campanha têm sido reduzidos, se tivermos em conta que durante este período alguns assinantes têm também saído. Em face destas circunstâncias, lançamos um especial apelo a todos os nossos Amigos para que façam um novo esforço para angariarem alguns assinantes mais. Se durante o mês de Março recebermos um número de novas assinaturas que nos permita fazer face à despesa originada pela melhoria do papel, prosseguiremos. Se assim não acontecer, seremos forçados a voltar ao papel antigo. Os nossos Leitores têm, agora, a palavra.

A ADMINISTRAÇÃO

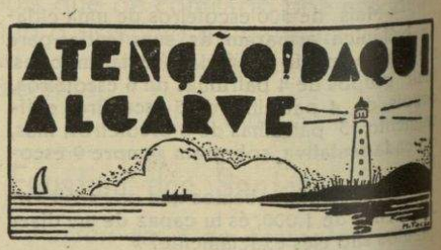
★ ● ★

Dr. Alfredo Tovar de Lemos

Este nosso bom amigo, dedicado presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal e antigo Comissário Nacional dos Escoteiros de Portugal, que tem estado bastante doente e internado na Liga dos Amigos dos Hospitais, registou ùltimamente algumas melhoras, embora o seu estado inspire bastantes cuidados.

Os seus muitos amigos, entre os quais se contam todos os que trabalham neste jornal, se interessam com muita simpatia pela saúde do ilustre Antigo Escoteiro e lhe desejam um breve restabelecimento.

• • o • •



Grupo n.º 77—Faro

No dia 19 de Janeiro passado, este Grupo realizou um exercício no campo, tendo se deslocado ao sítio da Conceição, onde os escoteiros prestaram diversas provas. — *C.*

O «SEMPRE PRONTO»
Vende-se na «Agência EVA»
Rua Nova do Almada, 68
LISBOA